

Livros **RTP**

Poesia Lírica

Luís de Camões

Biblioteca Básica Verbo

32

D
0/
CA

Prefácio

<i>A vida</i>	9
<i>O valor da Lírica</i>	19

REDONDILHAS

Lirismo amoroso

<i>Se Helena apartar</i>	29
<i>Pastora da serra</i>	30
<i>Na fonte está Lianor</i>	31
<i>Descalça vai pera a fonte</i>	32
<i>Vi chorar uns claros olhos</i>	33
<i>Mas porém a que cuidados? (A D. Francisca de Aragão, que lhe mandou glosar este verso)</i>	34
<i>Sem vós, e com meu cuidado</i>	35
<i>Irme quiero, madre</i>	36
<i>De vuestros ojos centellas</i>	37
<i>Aquela cativa (Endechas a Bárbara escrava)</i>	38
<i>Sôbolos rios que vão (Babel e Sião)</i>	40

Lirismo faceto ou satírico

Amor, que a todos ofende (A D. Guiomar de Blasfé, por se haver queimado com uma vela no rosto)	53
Coifa de beirame	53
Perdigão perdeu a pena	55
Catarina bem promete	56
Cinco galinhas e meia (A D. António, Senhor de Cascais, que, tendo-lhe prometido seis galinhas recheadas por uma copla que lhe fizera, lhe mandou por princípio da paga meia galinha recheada)	58
Os bons vi sempre passar (Ao desconcerto do mundo) . . .	58

NO ORIENTE

Lirismo predominantemente faceto e satírico

<i>Este mundo es el camino</i> (Os chamados disparates da Índia)	61
Se não quereis padecer (Banquete dado na Índia a fidalgos seus amigos)	66
Muito sou meu inimigo (Ao visor-rei)	68
Nos livros doutos se trata (Pedido ao visor-rei, a favor de Heitor da Silveira)	70
Que diabo há tão danado (Trovas que o autor mandou da cadeia, em que o tinha embargado por uma dívida Miguel Roiz, «Fios Secos» de alcunha, ao conde de Redondo, D. Francisco Coutinho, visor-rei, que se embar- cava para fora, pedindo-lhe o fizesse desembargar) . . .	71

Sonetos

Enquanto quis Fortuna que tivesse	75
O fogo que na branda cera ardia	75
Alegres campos, verdes arvoredos	76
Sete anos de pastor Jacob servia	76
Quem vê, Senhora, claro e manifesto	77
Um mover de olhos, brando e piedoso	77
Leda serenidade deleitosa	78
Transforma-se o amador na cousa amada	78
Pede o desejo, Dama, que vos veja	79

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades	79
A fermosura desta fresca serra	80
Quando da bela vista e doce riso	80
Porque quereis, Senhora, que ofereça	81
Busque Amor novas artes, novo engenho	81
Dai-me uma lei, Senhora, de querer-vos	82
Quem quiser ver de Amor ãa excelência	82
Num tão alto lugar, de tanto preço	83
Crescei, desejo meu, pois que a Ventura	83
Nunca em amor danou o atrevimento	84
Se as penas com que Amor tão mal me trata	84
Quando a suprema dor muito me aperta	85
Aquela triste e leda madrugada	85
Julga-me a gente toda por perdido	86
Doces lembranças da passada glória	86
Cá nesta Babilónia donde mana	87
Oh! Como se me alonga de ano em ano	87
Amor é fogo que arde sem se ver	88
Ah! minha Dinamene! assim deixaste	88
Alma minha gentil, que te partiste	89
O céu, a terra, o vento sossegado	89
Quando de minhas mágoas a comprida	90
Na ribeira do Eufrates assentado	90
Na desesperação já repousava	91
Dizei, Senhora, da Beleza ideia	91
Em prisões baixas fui um tempo atado	92
No tempo que de Amor viver soía	92
Erros meus, má fortuna, amor ardente	93
Verdade, amor, rezão, merecimento	93
O dia em que nasci moura e pereça	94

GÉNEROS MAIORES

Éclogas

As doces cantilenas que cantavam (Écloga intitulada <i>Dos Faunos</i> , dirigida a D. António de Noronha)	97
Que grande variedade vão fazendo (À morte de D. António de Noronha, que morreu em África, e à morte de D. João, príncipe de Portugal, pai d'el-rei D. Sebastião)	115

Odes

Pode um desejo imenso (Por vós levantarei não visto canto)	130
A quem darão do Pindo as moradoras (A D. Manuel de Portugal, o mecenas que facilitou a publicação d' <i>Os Lusíadas</i>)	133
Aquele único exemplo (A D. Francisco Coutinho, vice-rei da Índia, sobre o livro que compôs o Doutor Garcia d'Orta <i>Colóquios dos Simples, e Drogas</i> ...)	135

Oitavas

Quem pode ser no mundo tão quieto (A um amigo, sobre o desconcerto do mundo)	138
--	-----

Elegias

Aquela que de amor descomedido (A D. Antão de Noronha, estando o autor em África)	147
O sulmonense Ovidio, desterrado (O Poeta desterrado do bem que noutro tempo possuía)	151
Se quando contemplamos as secretas (A existência de Deus na ordem do Mundo, a divindade do Cristianismo nos sofrimentos da Paixão)	154
O poeta Simónides, falando (A viagem para o Oriente)	159

Canções

Fermosa e gentil Dama, quando vejo («Faço-me forte em vossa vista pura»)	166
Vão as serenas águas (Amores em Coimbra)	168
Junto de um seco, fero e estéril monte (No cabo Guardafu)	170
Manda-me Amor que cante o que a alma sente (Por tão alto e doce pensamento com razão a razão se me perdia)	174
Vinde cá, meu tão certo secretário (A «Lembrança da longa saudade»)	176

